



Telmo R. Nunes

A Matéria das Estrelas

«Quem não voltava não informava os que tinham ficado, e o perigo permanecia inteiro para os próximos que tentassem o mesmo caminho.» (p. 42)

O último romance de Isabel Rio Novo (IRN) *A Matéria das Estrelas* (2025) surge nas bancas das nossas livrarias ostentando o Prémio Literário Cidade de Almada, 2024. O percurso ficcional da autora tem sido marcado por diversas edições de sucesso, distinguidas com prémios literários, o que demonstra bem a qualidade imprimida nas suas obras, fruto, sobretudo, de um notório labor investigativo, de uma capacidade inusitada de subverter a realidade (tornando-a, talvez, mais interessante aos olhos do leitor), e de um natural virtuosismo que acompanha a autora portuense e lhe confere há muito um lugar destacado entre os melhores ficcionistas portugueses contemporâneos. Recordemos, por exemplo, *Rio do Esquecimento* (2016) e *A Febre das Almas Sensíveis* (2018), ambos finalistas do Prémio LeYa, ou *Rua de Paris em Dia de Chuva* (2020), finalista do Prémio da União Europeia para a Literatura e do Prémio de Narrativa do PEN Club ou ainda *Madalena* (2022), com o Prémio Literário João Gaspar Simões.

Na obra em apreço, IRN volta a explorar a condição humana: lança um olhar atento sobre as fragilidades físicas e/ou psicológicas do Homem, procurando dar conta delas, integrando-as num meio plausível, onde a descrição cuidada de espaços e ambientes ganha enorme relevo, criando, dessa forma, no leitor uma imagem mental de uma realidade em tudo verosímil. O cuidado na escolha dos nomes das personagens; o uso de vocabulário expressivo; o detalhe descritivo da decoração e dos ambientes; o tipo de atividades realizadas, tudo foi devidamente pensado e, em conjunto, estas escolhas formam um todo credível, estruturado e que facilmente é recriado pelo leitor. O domínio sobre o pormenor físico e psicológico é claramente um dos traços que nos permite reconhecer, de imediato, o estilo da autora, já tão vincado e desigual de todos os outros.

A matéria falível do Homem, os seus defeitos físicos e/ou deformidades psicológicas constituem um paradigma que tem sido recorrentemente observado por IRN. Recordemos os malfadados pacientes dos sanatórios portugueses, em particular aqueles internados no Grande Sanatório do Caramulo, em *A Febre das Almas Sensíveis*, lembremos as personagens em *Rio do Esquecimento*, vítimas das suas próprias fraquezas psicológicas ou de amarguradas vinganças por parte de outrem, ou revivamos o suplício de Madalena, na obra homónima, e todas as tribulações a que a vida a submeteu. Invariavelmente, há sempre quem padeça.

Em *A Matéria das Estrelas*, não é diferente e são várias as temáticas exploradas. Para tal, a autora serve-se uma família de classe média baixa, onde grassavam as dificuldades financeiras. É-nos caracterizada uma família onde “[...] cada escudo contava [...]”. Em pleno Estado Novo, o pai – funcionário público de carreira – dava explicações, procurando equilibrar o orçamento familiar e a mãe dona de casa, como todas as outras mães da época costumava, cerzindo roupa, conferindo-lhe dessa forma uma segunda e às vezes uma terceira vida. Embora não pagassem renda, a casa onde habitavam era pertença dos avós, não havia possibilidade de um arrendamento e, mais difícil ainda, de uma aquisição. Viviam, por isso, sete pessoas na Vivenda Silva (avó materna, avó paterna, os pais Julieta e Narciso e três filhos do casal, Margarida, Jacinto e Dália), sita no Lugar: assim designada a toponímia do local onde se situava a residência da família. O pão da merenda (curiosa escolha de vocábulo, muito mais em voga em meios mais rurais e recuados no tempo. Talvez hoje se optasse pelo “lanche”) era seco e os manuais escolares transitavam de irmãos mais velhos para os mais novos. Têmos presente que o 25 de Abril estava por acontecer e, reiteramos, “[...] cada escudo contava [...]”. No foro familiar, «Não era habitual nessa época que os homens dedicassem tempo aos filhos [...]», todavia, ali os mais novos eram educados numa rigidez paterna, que assentava sobretudo no cumprimento de preceitos religiosos. Decorrente da educação recebida em casa e moldado também pelos princípios pré-revolução, é notório o perfil psicológico de Jacinto, o protagonista: acanhado, algo ensimesmado, de pensamento comezinho e rural. Elevavam-lhe o espírito os livros que lia e talvez a proximidade que mantinha com o avô materno – antigo oficial da Marinha, homem de robustez física e de grandeza de carácter.

São exploradas aqui temáticas como a vividez precoce e o casamento por conveniência, especialmente, entre nubentes que mantêm laços de sangue entre si; é vista a questão da deficiência física e todas as limitações e dificul-

dades a ela inerentes; aborda-se a complexidade do abuso de crianças e jovens, assim como a sexualidade e a homossexualidade, em particular. Parece-nos importante sublinhar o tempo da ação. Viviam-se os anos do fim do Estado Novo e os primeiros anos de Democracia, tempos bafientos onde ainda se perpetravam injustiças, a misoginia e se impunham ainda alguns normativos ditatoriais. Assim, cremos ser muito ajustado destacar o modo como a autora conseguiu tratar estes últimos temas, enquadrando-os à luz dos preceitos vividos à época. Por exemplo, na obra, embora descritos abusos sexuais, nunca são utilizadas as palavras “pedófilo, pedofilia” ou mesmo a palavra “crime” associada a tal comportamento, o que representaria, certamente, um anacronismo de difícil compreensão, mas também nunca se fala em denunciar e julgar o prevaricador, já que essa prática era inexistente na época retratada. Relembremos que, embora criticável e moralmente vergonhosa, essa não era uma prática do âmbito criminal. Estes detalhes são sintomáticos do cuidado que IRN procura impor na sua narrativa, tornando-a muito mais verosímil e próxima de uma realidade, felizmente, há muito distante.

Todavia, *A Matéria das Estrelas* está longe de se esgotar no que fica supradito. Num tom novelesco, que muitos associam já ao da prosa camiliana, a autora ousa ficcionar parte significativa da história de Portugal, procurando percebê-la, quiçá melhorá-la ou até mesmo aproximá-la do que terá sido a realidade dos Descobrimentos Portugueses, nos finais do século XV e início do século XVI. Subvertendo ditames da narrativa histórica, recorrendo a saltos cronológicos: analepses, prolepses são disso exemplos, e num exercício de grande valia, mas de difícil execução, IRN intercala, cria paralelismos, sugere associação de factos, enuncia distanciamentos entre a vida de marinharia dos próprios Infante D. Henrique, Pedro Álvares Cabral, Vasco da Gama, mas, sobretudo, Bartolomeu Dias com a vida de Jacinto, o protagonista, um guarda-marinho do navio patrulha *Flamínio*, um jovem oficial nascido e criado em Lisboa, e colocado em missão no arquipélago dos Açores, servindo a Pátria, como fora desde sempre vontade de Francisco, seu avô materno e grande referência familiar.

Embora possamos recuperar nesta obra as características de um romance psicológico, não são por isso menos perceptíveis as particularidades do romance policial. Ao longo de grande parte da narrativa é possível acompanhar a investigação encetada por Dr. Eduardo, médico e membro da família alargada dos Silva Fernandes, que procura deslindar todo o mistério criado em torno de um acidente que vitimou Jacinto e que o diminuiu substancialmente. É essa busca pela verdade o fio condutor que une todas as pontas desta interessantíssima narrativa, enquanto escancara ao leitor o retrato social do que eram as famílias e, no fundo, do que era Portugal nas décadas de 60 e 70 do século passado.

A par de toda a qualidade de linguagem a que IRN já nos habituou, o recurso a diferentes expedientes estilísticos, assim como o cuidado com as estratégias de produção escrita tornam a leitura deste livro no ato muito prazeroso e de regalo pessoal. Se a esse deleite lhe associarmos o mar, cenário que percorre em constância toda a obra, temos então reunidas as condições para uma leitura fresca e deleitosa, à qual ninguém se deve excluir.

